

Aliás, Filosofia

KELLY GUENTHER/THE NEW YORK TIMES



Tragédia. Segunda aeronave a se chocar contra as Torres Gêmeas no atentado terrorista considerado o 'marco zero de nossos tempos'

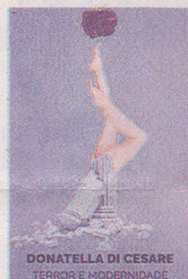
RAÍZES DO TERROR

A autora italiana Donatella Di Cesare analisa a relação íntima entre os tempos em que vivemos e o jihadismo, para ela um fruto intrínseco da modernidade

Martim Vasques da Cunha*

Das manifestações que a modernidade nos deu de presente, a única que não conseguimos administrar de forma razoável – e racional – é a do terrorismo surgido tanto do Estado-nação como das organizações subversivas que tentam ocupá-lo, custe o que custar. Não à toa que a professora de Filosofia na Università La Sapienza em Roma, Donatella Di Cesare, tenta resolver este enigma com seu pequenino tratado sobre o tema, intitulado justamente *Terror e Modernidade* (Ayiné, 264 págs., R\$ 49,90).

Di Cesare faz um resumo histórico amplo, porém cristalino, para o leitor entender as relações entre terrorismo e a modernidade. Seu relato começa in media res, com os ataques ocorridos no dia 13 de novembro de 2015 em Paris, quando um grupo de terroristas islâmicos massacraram 130 pessoas e feriram mais 352, marcando o evento “mais sangrento em solo francês desde a 2.ª Guerra Mundial”. Depois, Di Cesare recua até o “Marco Zero” dos nossos tempos – a queda das Torres Gêmeas do World Trade Center, registrada no dia 11 de setembro de 2001 –, analisando a “Guerra ao Terror” promulgada pelo então presidente ameri-



TERROR E MODERNIDADE
AUTORA: DONATELLA DI CESARE
TRADUÇÃO: ANDRÉ COTTA
EDITORA: AYINÉ
 264 PÁGINAS
 R\$ 49,90

cano George W. Bush, uma resposta à atrocidade perpetrada por uma tribo que, de acordo com comentaristas políticos da época, era arcaica e estava distante das benesses do progresso moderno. Nada mais errado, segundo a professora italiana. Na verdade, os islâmicos radicais são um resultado direto da modernidade – e o próprio terror criado por eles para atingir a sociedade ocidental não passa da essência fundamental deste período que julgamos ser “o melhor de todos os tempos”.

Para provar o seu ponto, Di Cesare volta aos tempos da Revolução Francesa, entre 1789-1793 – e aqui começam os seus problemas. Apesar de reconhecer o componente terrorista nos trágicos governos de Robespierre e Napoleão, ela faz de tudo para descolar a essência do terror da revolução romântica imaginada por sua idiossincrática filosofia da História. Sim, para Di Cesare, a revolução não tem nada de aterrorizante; na verdade, foi um belo e edificante evento, cujo significado é de emancipação e, claro, de plena liberdade.

Ocorre que as vítimas concretas do terror das revoluções que se inspiraram na Francesa (entre elas, a Russa) indicam o contrário. Portanto, não seria um exagero afirmar que há de fato uma conti-

nuidade entre o fascínio dos jacobinos pela Madame Guillotinne e a obsessão jihadista dos islamistas que desejam impor o seu califado global. Contudo, ao retirar o componente revolucionário na sua análise do terror moderno, Di Cesare prefere colocar a culpa na política de segurança dos Estados-nação (em especial, os EUA), criando assim o conceito de uma “fobocracia”, uma política do medo na qual, para o cidadão escapar definitivamente do dilema entre segurança e liberdade, é fundamental ele entender que o terrorista que opta por explodir alguém em pedaços pretende apenas praticar um “novo modo de vida”.

Infelizmente, este raciocínio só existe para quem vive em um gabinete universitário. Na vida real, o “homem comum enfim” só pode optar ou pelo Leviatã do Estado que sufoca a sua consciência individual em troca de uma liberdade mínima, ou o Beemote que pisoteia a sua carne e os seus ossos com bombas, fuzis e mísseis. Trata-se de uma “vastidão dos espelhos”, cuja origem não deve ser encontrada na revolução encantada ou então nas teorias de grandes pensadores da esquerda mundial, citados a mancheias por Di Cesare, como Giorgio Agamben, Peter Sloterdijk e Slavoj Žižek.

Neste ponto, o lançamento conjunto de *Terror e Modernidade* com o antigo manuscrito da *História do Doutor Fausto* (Ed. Filocalia, 267 págs., R\$ 54,90), que teria sido coligido pelo impressor alemão Johann Spies em meados do século 16, nos ajuda a entender como tudo começou. Ao contrário de Di Cesare, que não vê relação entre o terrorismo e a mentalidade revolucionária, o relato protestante articula, de maneira muito aguda, que, antes da revolução, o verdadeiro perigo a afligir a alma moderna é o da concupiscência ilimitada, o da curiosidade sem amarras que prefere ter o Diabo como aliado supremo. Eis aqui a raiz de qualquer revolução aterrorizante que desconhece a verdadeira modernidade a nos destruir a conta-gotas.

O Doutor Fausto do passado é o germe do terrorista do futuro porque ambos são, em seu núcleo imaginário, os revolucionários por excelência. Ambos são um novo tipo de ser humano que só a modernidade poderia ter criado: o “homem curioso”. Segundo o pensador brasileiro Mario Vieira de Mello, trata-se de “alguém que, em vez de se perder nos espaços do mundo exterior, perder-se-ia na interioridade de todo o mundo que evita a conquistar; é incapaz de entender que o mais importante é o domínio da sua interioridade, das suas paixões”. O mesmo acontece tanto com o Fausto da lenda alemã como o terrorista que pretende impor a sua “comunidade de sofrimento” por todo o globo terrestre. De maneira melancólica, os dois querem dominar o conhecimento deste mundo, mas são incapazes de dominar a si mesmos.

Ironicamente, na sua breve anatomia sobre este tópico gravíssimo e urgente, Di Cesare quis condenar a modernidade para salvar a revolução, mas acabou condenando o próprio trabalho. Apesar da inegável erudição, ela é restrita a pensadores da esquerda, quando, sem dúvida, também deveria se beneficiar com os estudos de scholars mais ousados (e desconhecidos do grande público), como Barry Cooper, Michael Burleigh, Richard Landes, Eric Voegelin e René Girard, entre outros. Ainda assim, *Terror e Modernidade* marca uma presença importante no debate contemporâneo, pois nos revela, mesmo que por meio das lacunas, um lado diabólico da nossa era repleta de temor e horror.

* É AUTOR DE 'CRISE E UTOPIA – O DILEMA DE THOMAS MORE' (2012) E 'A POEIRA DA GLÓRIA' (2015)